

Aquém das fronteiras: a produção e a tradução literária de autoras latino-americanas

À Marielle Franco, in memoriam.

Caras leitoras e caros leitores,

Com entusiasmo, apresentamos a vocês neste *Cadernos de Literatura em Tradução* o número especial *Autoras latino-americanas traduzidas para o português*. Essa coletânea surge do desejo comum de dar a conhecer tanto a produção literária de autoras latino-americanas traduzida para português brasileiro quanto os objetos de investigação e de tradução de nossos pares dos últimos anos. Agradecemos as autoras e tradutoras, os autores e tradutores que colaboraram em nosso número, ajudando-nos a realizar esse desejo de publicação, e os agentes responsáveis pela edição da revista, Prof. Dr. John Milton, Telma Franco e sua equipe, que tornaram-no possível.

As mulheres sempre escreveram e lutaram para conquistar e manter seu lugar nos mais diversos espaços sociais. Bem sabemos como a luta do ser mulher é cotidiana, asfixiada pelo machismo, emaranhada pela política, pela economia e pelo poder. A trajetória das mulheres latino-americanas na literatura teve início no século XIX, quando conquistaram o direito de ser escritoras na América Latina e, sobretudo, tiveram acesso ao mundo das letras conscientes de sua situação de subalternas e dos sistemas de poder que lhes careciam (GUARDIA, 2012¹).

O exemplo da escritora brasileira Nísia Floresta (1810-1885) é paradigmático em tal sentido: tornou-se a primeira tradutora brasileira, ao publicar *Direito das*

1 Cf. GUARDIA, Sara Beatriz. *Escritoras del siglo XIX*. Peru: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, CEMHAL, 2012.

mulheres e injustiça dos homens (1832), a partir do texto *Woman not Inferior to Man* (*Mulher não inferior ao homem*, 1739), publicado por *Sophia, a Person of Quality* (Sophia, uma Pessoa de qualidade) (OLIVEIRA, 2015²; PALLARES-BURKE, 1996³). Nessa primeira onda do feminismo, dois romances abolicionistas escritos por mulheres latino-americanas também foram publicados. A cubana Gertrude Gómez de Avellaneda (1814-1873) debateu sobre a escravidão no romance *Sab* (Madrid, 1841; Cuba, 1914), publicado dez anos antes do romance *A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*, 1851), de Harriet Beecher Stowe, sobre a escravidão nos Estados Unidos (GUARDIA, 2007⁴). *Sab* nunca foi traduzido no Brasil, ao passo que *A Cabana do Pai Tomás* chegou ao país nos folhetins em 1887, a partir de uma edição parisiense, e em formato livro em 1893, traduzido por Cândido de Magalhaes (FERRETI, 2017⁵). Num período próximo, a escritora negra Maria Firmina dos Reis (1822-1917), que viveu diretamente a segregação social e racial no norte do Brasil, publicou o romance *Úrsula* (1859), o primeiro da literatura afro-brasileira e abolicionista.

A imprensa escrita atuou como grande aliada na difusão dos ideais e no incentivo à criação literária das mulheres em todas as quatro ondas do feminismo latino-americano. Nos jornais *O domingo* e *Jornal das damas*, publicados nos anos 1873, por exemplo, as escritoras clamavam pela inserção das mulheres no ensino superior, pelo direito delas ao trabalho remunerado e – destacamos – pela independência econômica, antes mesmo de Virgínia Woolf publicar seu ensaio *Um teto todo seu* (*A Room of One's Own*, 1929) (DUARTE, 2003⁶). Em 1927, por meio de uma carta-crônica enviada ao jornal *O Ceará* criticando o concurso Rainha dos Estudos, Rachel de Queiroz (1910-2003) estreou sua carreira como literata. Em 1929, a notícia da posse de Luiza Alzira Teixeira de Vasconcelos (1897-1963)

2 Cf. OLIVEIRA, Maria Clara Castellões. Tradução & gênero: tradutoras brasileiras das décadas de 1930 e 1940. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora Unesp/SCIELO, 2015. p. 123-153.

3 Cf. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia García. *O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

4 Cf. XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA/III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, 2007, Ilhéus/Bahia. GUARDIA, Sara Beatriz. Conferência “Literatura y Escritura femenina en América Latina”. Ilhéus/Bahia: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/conferencias.html>>. Acesso em: mar. 2018.

5 Cf. FERRETI, Danilo José Zioni. A publicação de “A cabana do Pai Tomás”. O “momento europeu” da edição Rey e Belhatte (1853). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 33, n. 61, jan/abr 2017, p. 189-223.

6 Cf. DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003.

como a primeira mulher prefeita do município de Lajes, do estado do Rio Grande do Norte, do Brasil e da América do Sul repercutiu nos jornais da Argentina, do Uruguai e dos Estados Unidos (SOUSA, 1993⁷ apud DUARTE, 2003). Nos anos 1940, a mexicana Elena Garro dedicou-se a um jornalismo ativista que não se restringia a um grupo social ou raça privilegiados, construindo um quadro mais completo sobre a crueldade de gênero (GUARDIA, 2012). E em 1976 foi lançado o primeiro número do jornal feminista *Nós Mulheres*, financiado pela cantora brasileira Elis Regina (DUARTE, 2003).

Vasculhando a história, vemos como as escritoras latino-americanas, ao longo dos séculos, produziram muito material localmente, potenciais de serem traduzidos. Além disso, o conteúdo produzido na América Latina tinha suas peculiaridades em relação àquele da Europa e dos Estados Unidos, pois as autoras também se posicionavam a favor da independência, contra a ditadura militar e censura, a favor da redemocratização (DUARTE, 2003). Ainda assim, o mercado de publicação de traduções no Brasil teve especial interesse em textos-fontes oriundos de língua francesa e inglesa, estimulando, inclusive, o aprofundamento da língua inglesa para elas trabalharem como tradutoras, como no caso de Rachel de Queiroz (OLIVEIRA, 2015). Quiçá essa prática de mercado relacione-se à proposta longeva de renovação da literatura brasileira por meio de traduções, proposta por Monteiro Lobato (1882-1948) nos anos 1920, e que ainda perdura no Brasil.

No século XXI, a luta das mulheres de outrora e o acesso à informação proporcionado pela internet têm trabalhado a favor da democratização da literatura. Nos últimos anos, observamos o aumento nos índices de escolaridade e leitores da população brasileira (FAILLA, 2016⁸) e a expansão da escrita feita por mulheres latino-americanas, mudando o panorama do sistema literário latino-americano e desmistificando estereótipos do que convencionou-se ser “boa literatura” e “cânone literário”. Brasileiras escrevem cordéis e fomentam a escrita de mulheres negras⁹, argentinas escrevem poesia e traduzem poetisas

7 Cf. SOUSA, Heloisa Galvão Pinheiro. *Luíza Alzira Teixeira de Vasconcelos, primeira mulher eleita prefeita na América do Sul*, Natal, CCHLA/UFRN, 1993.

8 Cf. FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

9 Cf. Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de Fevereiro de 1991, Jarid Araes é escritora, cordelista e autora dos livros “As Lendas de Dandara” e “Heroínas Negras Brasileiras”. Atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o Clube da Escrita Para Mulheres. Até o momento, tem mais de 60 títulos publicados em Literatura de Cordel, incluindo a coleção Heroínas Negras na História do Brasil. Disponível em: <<http://jaridarraes.com/sobre/>>. Acesso em: mar. 2018.

brasileiras¹⁰, peruanas investigam sobre a escrita feita por mulheres na América Latina¹¹, brasileiras investigam sobre como as próprias escritoras e quadrinistas brasileiras fazem humor¹², brasileiras, argentinas e chilenas investigam sobre o impacto dos feminismos nas políticas públicas e nos direitos políticos das mulheres latino-americanas¹³, brasileiras criam projetos e redes de leitura online fomentando a leitura de autoras¹⁴.

Não pretendemos invalidar os saberes construídos em outras línguas e culturas. Apenas queremos potencializar a literatura latino-americana escrita e traduzida por mulheres e expandir o compromisso de luta, que deve ser contínuo e perdurar pelos séculos até construirmos uma sociedade tolerante quanto as diferenças culturais e socialmente mais equânime. Cabe a nós, leitoras e leitores, escritoras e escritoras, tradutoras e tradutores do agora, assumir o compromisso social de sermos guardiões das memórias dessas autoras, mantendo-as vivas em nossas pesquisas, críticas, resenhas, sugestões de leitura, bibliografias de aula, estimulando o consumo da literatura escrita por mulheres latino-americanas nos âmbitos do conhecimento que nos cabe e sendo mediadores na formação de novos leitores. Assim somos feministas na literatura, assim lutamos também contra o câncer do machismo e contra a corrente da crise democrática. Afinal, já defendia Nísia Floresta (1853¹⁵), o progresso (ou o atraso) de uma sociedade é avaliado pela importância atribuída às mulheres (DUARTE, 2013).

10 Cf. Poeta e tradutora, Teresa Arijón foi bolsista do Edital de Residência de Tradutores Estrangeiros no Brasil 2016, da Fundação Biblioteca Nacional. Assinou as traduções de autores destacados da ficção brasileira contemporânea como Adriana Lisboa, Alberto Mussa, Andréa del Fuego, além de nomes consagrados como Clarice Lispector e Hilda Hilst, entre outros, muitas delas em parceria com a tradutora Bárbara Belloc. Juntas, conceberam a coleção 'Nomadismos', que já apresentou aos leitores de língua espanhola amostras da produção ensaística brasileira nas vozes de Ana Cristina Cesar, Ferreira Gullar, Hélio Oiticica, Oscar Niemeyer e Waly Salomão. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/eventos/2017/04/oficina-traducao-literaria-biblioteca-nacional>>. Acesso em: mar. 2018.

11 Cf. GUARDIA, Sara Beatriz. *Mujeres que escriben en América Latina*. Peru: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, CEMHAL, 2007.

12 Cf. SILVA, Alba Valeria Tinoco Alves. *Deus e o diabo no humor das mulheres: contos, casos e crônicas com humor escrito por mulheres*. Salvador: EDUFBA, 2015.

13 Cf. BLAY, Eva Alterman. *50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos*. São Paulo: Edusp, 2017.

14 O projeto #leiamulheres foi criado em 2015 por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques. Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/>>. Acesso em: mar. 2018.

15 Cf. FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: INEP, 1989. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002106.pdf>>. Acesso em: mar. 2018.

Aqui, em nosso território latino-americano, as leitoras e os leitores topam com traduções e artigos de mulheres e homens do século XX, organizados conforme o país de origem das autoras investigadas por eles. Ao que se refere à literatura do Uruguai, Juan Rubio traduz o poema “La pesca”, de Juana de Ibarbourou (1892-1979), contemporânea de María Eugenia Vaz Ferreira (1875-1924), cujos poemas “Único poema”, “Vaso furtivo”, “Barcarola de un escéptico”, “Vía Secreta”, “Nocturno” e “Sólo túa” foram traduzidos e comentados por Jacicarla Souza da Silva neste número. Gabriela B. Teles traduz o conto “Desastres Íntimos”, do livro homônimo de Cristina Peri Rossi (1941), na qual a mulher é bem retratada em suas faces cíclicas, ora decidida ora desgastada pelas circunstâncias mais cotidianas da vida.

Da literatura da Argentina, Paula Yódice traduz o poema “Matemos a las Barbies”, de Selva Almada (1973), cuja obra marca o lugar da mulher e do homem no sistema patriarcal, a violência dos mandatos sociais nos corpos e as tensões fronteiriças nas misturas linguísticas e culturais. Emilia Magalí Spahn e Wilson Alves Bezerra traduzem “El hombre sirena”, e Nylcéa Pedra e Rafael Ginane Bezerra traduzem “Cuarenta centímetros cuadrados”, ambos contos de Samanta Schweblin (1979), bastante premiada e considerada uma das principais escritoras latino-americanas da contemporaneidade. Leticia Rebollo Couto e Maria Fernanda Gárbero traduzem a crônica “La madre de un revolucionário”, de Hebe Pastor de Bonafini (1928), ativista argentina que luta contra os delitos cometidos pelos governos repressores, fundadora e presidenta da associação Madres de Plaza de Mayo em 1979, criada durante a ditadura militar de Jorge Rafael Videla, entre 1976 e 1981.

Da literatura do Peru, contamos com a tradução de Consuelo Alfaro Lagorio, Leticia Rebollo Couto e Maria Fernanda Gárbero do conto “Pobre cholita”, de María Martínez Pineda (189?), escritora cuja produção literária de romances, contos, poemas e revistas só vem sendo desvendada nos últimos anos. Roseli Barros Cunha baseia-se nas teorias de Gérard Genette ([1987] 2009) e apresenta-nos sua tradução do romance *Aves sin nido* (1889), de Clorinda Matto de Turner (1853-1909), obra que denuncia os maus tratos e a opressão sofrida pelos indígenas, a corrupção e incompetência de juízes, governadores e padres. As personagens protagonistas são mulheres que transgridem o discurso patriarcal hegemônico no final do século XIX, época na qual as mulheres eram retratadas como indefesas e incapazes de se desenvolver na esfera pública.

Do México, Barbara Zocal Da Silva apresenta sua tradução do poema “Ser de río sin peces”, de Rosario Castellanos (1925-1974), no qual a escritora explora a fluída relação entre a distância, o deslocamento e a natureza, que desamparam, por segundos se esvaem, e recompõem-se.

Do Chile, Camila Pereira Nogueira nos apresenta sua tradução do artigo “Del infrarrealismo al real visceralismo – Bolaño y la autocrítica de un marginal”, da pesquisadora Ainhoa Vásquez Mejías, no qual a autora se indaga sobre a poética do movimento mexicano “Infrarrealista” e suas principais influências estéticas e literárias.

Da literatura da Venezuela, Valentina Figuera Martínez e Diana Junkes comentam e traduzem três poemas sem títulos de Lydda Franco Farías (1943-2004), publicados nos livros *Poemas circunstanciales* (1965), *Una* (1985) e na *Antologia poética* (Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2005). A autora tornou-se uma grande representante da poesia venezuelana, seu discurso poético valoriza o espírito crítico e a visão de mulher livre, aguerrida, questionando os estereótipos sociais e a sociedade patriarcal.

Ao final, encerramos este número com a entrevista de Maria Paula Gurgel Ribeiro (1962), tradutora brasileira contemporânea de literatura latino-americana, realizada por Barbara Zocal Da Silva e Wilson Alves Bezerra. Entre os trabalhos da tradutora destacamos *Os sete loucos & Os lança-chamas*, do argentino Roberto Arlt (Iluminuras, 2000) e *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*. (N-1 Edições, 2014), de Beatriz Preciado, que atualmente assina Paul Preciado.

Boa leitura!
Os organizadores.